

# Mundo friorento



» JOSÉ HORTA MANZANO  
Empresário

Tenho notado que o mundo hoje está mais friorento que no passado. Não me refiro ao frio que o termômetro registra, aquele que bate quando um ventinho gelado sopra do Sul. Falo de falta de calor humano, de empatia, de amizade, de sintonia. Sinto que tem faltado aquela atmosfera cálida que, ao expandir, dissipa o gelo e a desconfiança entre as gentes. Faltam braços abertos.

Em 2015, a Alemanha da primeira-ministra Merkel abriu os portões para a entrada de um milhão de estrangeiros que vinham em busca de asilo. O gesto horrorizou numerosos governos europeus, que consideraram exagerado o número de recém-chegados e tacharam o gesto de desarrazoado. Há alemães, aliás, que reprovam até hoje a decisão da chanceler e não perdem uma ocasião para atribuir aos forasteiros todos os males da nação.

O fato é que, passados quase 10 anos, os asilados, em grande maioria, se integraram, aprenderam a língua, formaram-se numa profissão, fundaram família e vivem hoje como os demais cidadãos da pátria adotiva. Esses novos cidadãos vêm complementar a mão de obra de que a Alemanha sabe que terá necessidade nestes próximos anos, mas que o simples crescimento natural da população não lhe fornecerá.

Desde que Donald Trump assumiu seu

primeiro mandato, em 2017, os novos tempos não têm sido benéficos para a conciliação entre os povos. Barreiras e muros foram erguidos na fronteira com o México para impedir a entrada de imigrantes pobres — num esquecimento maroto de que todos os que hoje apoiam o bloqueio aos forasteiros pobres são descendentes de imigrantes pobres que, um dia, também bateram às portas do país, foram acolhidos e ajudaram a fazer o que os Estados Unidos (EUA) são hoje. Esquecem-se de que, num país em processo de envelhecimento, todo aumento populacional é bem-vindo.

Para seu segundo mandato, Trump ameaça abandonar a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), pacto de defesa que seu país mantém com a Europa há 75 anos. Esquecidos de que juraram governar para todos os brasileiros, os sucessivos governos do Brasil continuam a dar as costas para os povos amazônicos, obrigando-os a sobreviver atolados num território que o Estado enjeitou e de que o crime se apoderou.

Em vista da possível nova leva de imigrantes sírios, que ora têm liberdade de deixar o país de origem, a Europa nem de longe renovou a *Operação Acolhida*, da Alemanha de 2015. A ditadura de Damasco ruiu num fim de semana. Dois dias depois, os principais países europeus tomaram decisão idêntica: os processos de concessão de asilo a refugiados sírios foram suspensos *sine die*, com efeito imediato. É decisão provisória, com direito a revisão no futuro, mas supõe-se que, com uma Síria normalizada, as portas da Europa se fecharão de fato para os nativos daquele país.

Matteo Salvini, político italiano, teve

problemas recentemente com a justiça de seu país por ter sido acusado de impedir durante três semanas, quando era vice-primeiro-ministro, o desembarque de 149 migrantes chegados no barco de uma ONG. Lembre-se que a Itália ocupa um dos últimos lugares na Europa no quesito fertilidade. Sua população é declinante.

Este mês de dezembro trouxe ainda duas notícias inquietantes provenientes do meio universitário. Na Suíça, o parlamento decidiu triplicar o valor da anuidade dos alunos estrangeiros das universidades federais. Alegando dificuldades orçamentárias, o congresso tomou essa decisão por puro populismo mesquinho. Quando formados, os alunos estrangeiros voltarão para casa como embaixadores gratuitos da excelência do país onde estudaram. Entravar a vida estudantil desses alunos é contrário ao bom senso.

A outra notícia preocupante nos veio de uma Argentina em plena mutação. Suas universidades públicas devem passar a cobrar anuidade dos alunos estrangeiros — somente deles. Valem aqui os argumentos que usei no caso suíço: estarão perdendo a ocasião de formar propagadores internacionais das virtudes do país.

Acho ingênuo acreditar que cheguemos tão logo à fraternidade universal que teorias do século 19 nos prometiam. Ao contrário, percebo sinais inquietantes de estarmos, a passo contínuo, caminhando no sentido oposto. O lado friorento da humanidade está querendo nos ensinar que bom mesmo é se isolar, cada um vivendo no seu canto, todos de porta fechada. Alto lá! Nem tanto ao mar, mas também nem tanto à terra! *Virtus in medio*. Feliz ano novo a todos!

## Biblioteca Demonstrativa: projeto a serviço da inclusão pela literatura



» DAVID RODRIGUES  
Curador da Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles (BDB)

Desde janeiro de 2024, a programação cultural da Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles, em Brasília, é realizada por meio do Termo de Colaboração nº 950.548/2023, celebrado entre o Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Formação Cultural, Livro e Leitura (Sefli), e o Instituto Incluir. A realização de um projeto desse tipo (iniciado neste ano se estenderá até 2025) suscitou um conjunto de questões que precisavam ser respondidas na partida para as práticas que mais tarde viessem a concretizar-se fossem consequentes e coerentes. Desse conjunto de questões, selecionamos três às quais procuramos dar resposta.

A primeira: O que é hoje, no tempo das tecnologias digitais, uma biblioteca?

— Para comentar essa questão — extensa nas suas implicações —, lembramos a frase de Jorge Luis Borges quando escreveu que “o verdadeiro labirinto é o deserto”. Borges referiu-se às bibliotecas como lugares onde nos orientamos, lugares habitados por ideias, histórias, sensações, viagens, emoções, pensamentos, enfim... todo um universo humano.

O labirinto, isto é, aquele lugar em que poderíamos nos perder, é o oposto de uma biblioteca: um deserto. Para ser esse lugar que nos orienta, que nos habita, a biblioteca é hoje, certamente, menos um repositório, um arquivo, e muito mais um lugar de encontro, surpresa e de deslumbramento. Claro que essa vocação de lugar de encontro é construída a partir do acervo que a biblioteca dispõe, mas tem de ser muito mais do que isso: um mapa para ver o mundo.

Qual o papel que as bibliotecas têm no desenvolvimento e fruição da cultura?

— Aqui, também, entendemos que estamos numa mudança na forma de encarar as bibliotecas. Tradicionalmente, elas tinham uma função de arquivar, sobretudo, livros (e outros suportes de informação) para os disponibilizar para serem usados. Essa vocação é hoje considerada reducionista na medida em que uma biblioteca se encara como um centro de cultura e não só de cultura literária ou livresca. Os livros e a literatura em todas as suas formas de escrita são, sem dúvida, a “joia da coroa” de uma biblioteca, mas não é desejável que se fique por aqui. Uma biblioteca é um lugar onde todas as artes são bem-vindas, são acolhidas como sendo irmãs da literatura. Para isso, é importante que as bibliotecas possam organizar e oferecer eventos de dança, música, artes plásticas, narração de histórias, teatro etc., sublinhando e realçando as pontes que essas manifestações culturais estabelecem com a escrita, com os textos, com as narrativas. As bibliotecas têm, pois, um papel novo e, certamente, imprescindível de dinamização cultural.

Como podemos fazer a biblioteca estar mais próxima da vida das pessoas?

— Sem dúvida uma questão importante e bem problemática. A vida cotidiana, sobretudo a vida urbana, tem restringido muito os momentos em que se pode dedicar tempo à leitura e mesmo à fruição cultural. Da mesma forma que a fast food se vulgarizou, também o consumo de formas de arte curta, diferidas e muitas vezes superficiais se vulgarizou. Há, hoje, dificuldades acrescidas para mobilizar público para espetáculos que não sejam de consumo imediato, espetáculos presenciais e que apresentem formas culturais que convidem a alguma introspecção e interpretação, e não só um desfrute imediato. Esse é um enorme desafio para todos os agentes culturais e seguramente para as bibliotecas. Tornar a Biblioteca presente, necessária e até mesmo imprescindível para a população é, nos dias de hoje, um trabalho difícil, mas possível. Para isso, precisamos de investir em programas que sejam atrativos, procurar, por meio de uma periodicidade regular, fidelizar a participação, apresentar propostas aliciantes que possam ser seguidas por pessoas com uma grande diversidade de cultura, de escolarização e de interesses.

As respostas a essas três questões conduzem-nos a conceber uma biblioteca como um grande espaço de encontro, um espaço de inclusão. A inclusão, neste aspecto, quer dizer que todas as pessoas são bem-vindas à biblioteca. São bem-vindas porque a biblioteca não pode dirigir-se (e mesmo selecionar) certas pessoas. Todos são bem-vindos porque a biblioteca é para todos os humanos: para quem lê muito e para quem lê pouco, para quem gosta de ler e quem gosta pouco de ler, para quem gosta de qualquer tipo de leitura, para todas as pessoas independentemente das suas capacidades ou características pessoais. É a biblioteca que compete lançar este desafio, construir esta ponte, desafiar os mais instalados, criar afetos e, enfim, trazer a cultura para perto de todos, mesmo daqueles que pensavam que não precisavam dela.

A Biblioteca Demonstrativa está a fazer este caminho e, como ela, muitos milhares de pessoas no Brasil e nos países de língua oficial portuguesa. Temos a ambição que as paredes da biblioteca sirvam só para segurar o telhado e que, em todo o resto, a Biblioteca Demonstrativa seja aberta, comunicativa, uma janela, enfim, para ver o mundo e vindo-o experimentar, pensá-lo de outra maneira para o mudar para melhor.



## Lentilha: o alimento antigo que não saiu de moda



» WARLEY MARCOS NASCIMENTO  
Chefe-geral da Embrapa Hortaliças e presidente da Associação Brasileira de Horticultura (ABH)

A lentilha (*Lens culinaris*) é um dos alimentos mais antigos da humanidade. Desde aproximadamente 7000 a.C., essa espécie já era cultivada no sudoeste da Ásia. Segundo a *Bíblia*, Esaú cedeu a Jacó seu direito de primogenitura em troca de um prato de lentilhas, como mostra esta passagem em Gênesis 25:34: “Então, Jacó serviu a Esaú pão com ensopado de lentilhas. Ele comeu e bebeu, levantou-se e se foi. Assim, Esaú desprezou o seu direito de filho mais velho”.

É uma leguminosa de alto valor alimentício, importante fonte de proteínas, de vitaminas e minerais, como cálcio e ferro, além de ter em sua constituição a maioria dos aminoácidos essenciais, destacando a isoleucina e lisina. A ingestão de alimentos ricos em fibras, como as lentilhas, ajuda na perda de peso; as

fibras, além de melhorarem o processo digestivo como um todo, proporcionam a sensação de saciedade. Esse grão é bastante versátil na preparação de pratos, sendo de mais fácil cocção e de maior digestibilidade que o feijão, por exemplo. Um provérbio hindu diz: “O arroz é bom, mas as lentilhas são minha vida”.

O Brasil consome a lentilha de grão graúdo, com o tegumento (casca) verde-creme e o cotilédono amarelo, sendo comercializada principalmente na forma de grãos secos inteiros com casca; outros tipos (laranja, escura etc.) podem ser encontrados em lojas especializadas. Na Índia e no Oriente Médio, os maiores consumidores, a lentilha de cotilédono laranja, chamada também de lentilha vermelha, é muito popular, sendo comercializada principalmente na forma de grãos partidos sem a casca. Em países produtores e tradicionais consumidores, a lentilha verde também é comercializada enlatada, já encontrada em alguns mercados no Brasil.

A lentilha é uma ótima opção para pessoas com restrição alimentar relacionadas ao consumo de proteína animal e da intolerância ao glúten. Seus grãos têm ganhado importância entre aqueles que valorizam uma alimentação saudável e em mercados gourmet. Vale

mencionar que existe uma demanda crescente de proteína vegetal por segmentos que buscam alimentos saudáveis ou mesmo para aqueles que querem ampliar o leque de alternativas para dietas veganas, ou vegetarianas, ou pessoas celíacas.

Embora a lentilha seja um alimento importante na base alimentar de vários povos, esse grão é relativamente pouco conhecido e pouco consumido no Brasil, sendo que boa parte da população consome apenas em datas específicas, como no réveillon. Acredita-se que comer lentilhas na noite do réveillon traz boa sorte para o ano novo — as pessoas consomem para ganhar dinheiro e ter um próspero ano novo. Isso porque o grão de lentilha, com o seu formato de disco redondo ou oval e sua forma achatada, está associado às moedas e, portanto, simboliza sorte financeira.

A identificação da lentilha com atributos da alimentação saudável pode incentivar a criação de toda uma cadeia agroalimentar no país, com aproveitamento de proteínas, fibras, vitaminas e compostos nutracêuticos. Definitivamente, a lentilha é muito mais do que uma tradição de fim de ano e o seu consumo regular pode trazer, além de sorte, saúde para todos!